

COMPRA



*Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redação: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Literarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Segunda-feira
 6 DE ABRIL DE 1908

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs.
 Colonias 400 »
 Brazil (moeda forte)..... 900 »

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÊIS

Tiragem 6.000 exemplares.

OS NOSSOS...
 ELEITORES



O Carmo... e a Trindade...

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5—Rua da Palma, 133, 1.º

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO

COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clínica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO-CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦ ♦ ♦ ♦
♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦
♦ ♦ ♦ ♦ R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, succesor.
R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios
para brindes, desde 15000 réis, joias com
brilhantes usados, ouro e prata a peso.
Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE

Para tirar agua, substituindo com vantagem
as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Succesor,
R. dos Retrozeiros, 33, 1.º, -D. Lisboa.

EXPOSIÇÃO
DE
LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brindes



GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)

Pharmacia do Instituto

Pasteur de Lisboa

Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, rezeptuario.

Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo Instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 reis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

Senhas das Consultas Gratuitas
DO
FEITICEIRO DAS TREVAS



As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva **SENHA DE CONSULTA**, e satisfazer aos seguintes requisitos:

- «Nome de batismo; iniciaes dos sobrenomes e apelidos.»
- «Anno, mês, dia e hora, se possível fôr, do nascimento.»
- «Côr da péle, dos olhos, dos cabelos.»
- «Altura aproximada, estado de magreza ou de gordura, comprimento exacto dos dedos da mão esquerda, tomado do lado da palma da mão; se os labios são finos, delgados ou grossos, carnudos, espessos; sinaes da péle, congénitos ou adquiridos, cicatrizes. Dimensões aproximadas da testa, feição do nariz. (Um retrato tirado de frente e outro de perfil, seriam excellentes dados.)»
- «Doenças anteriores á consulta. Saude dos paes. Se tem muita ou pouca força muscular e qual o estado de sensibilidade da péle.»
- «Falando ainda dos cabelos será bom dizêr se são macios ou asperos. As veias que se divisam atravez dos tegumentos são cheias e azuladas?»
- «E' alegre, agitado, vivaz, inconstante, facilmente irritavel,?»
- «Adora o prazêr em todas as suas manifestações? Quaes as distrações que prefere?»
- «Tem tendencia para a violencia, para o despotismo?»
- «E' cabeludo ou glabro?»
- «Quaes os caracteres da marcha? Costuma andar deprêssa, devagar, a passo largo, a passo curto, com gravidade, baloiçando o corpo?»
- «Qual é a posição habitual da mão quando caminha? Fechada, semi-aberta, aberta? Tem por habito levar repetidamente a mão á frente, aos olhos, á boca, ao nariz, ás orelhas?»
- «Caminha de mãos nas costas, nas algibeiras? Esfrêga-as muito? Costumalhes fazer estalar os ossos? Leva repetidas vêzes a mão ao peito?»
- «Dorme com as mãos fechadas, semi-cerradas, abertas? E' tremulo?»
- «Ha frisante contraste entre a côr dos cabelos da cabeça, da barba e das sobrancelhas?»
- «Gosta de flôres, de fructos? Quaes os preferidos?»
- «Alem destes esclarecimentos, poderão os srs. consulentes enviar-me quaesquer outros que julguem convenientes. A todos garanto o mais absoluto segredo, a mais completa discrição.»

AS CARTAS DEVEM SER DIRIGIDAS
A ESTA REDACÇÃO





COMPRAR

20 REIS

**Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes**

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
LISBOA

Officinas d'imprensa e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
6 DE ABRIL DE 1908

Condições d'assignatura
(Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
Lisboa e provincias..... 300 rs.
Colonias 400 •
Brazil (moeda forte)..... 900 •

Tiragem 6:000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



o dia em que a humanidade se convenceu de que esta vida era cheia de dificuldades e tormentos e que, as poucas rosas que de longe em longe se colhiam eram inda assim cheias de espinhos traiçoeiros e acerados, lembrou-se de inventar distrações, festas e folguedos, para, ao menos, n'esses instantes de loucura, esquecer magoas e dificuldades, sacrificios e amarguras.

Alguns li eu, e provavelmente foi na famosa *Sabedoria das nações*, que tristezas não pagam dividas, maxima que atravessou de lez a lez o mundo inteiro e permittiu aos individuos rir e folgar, até nas bochechas dos credores, a quem despediam com a melhor das rhetoricas e as mais requintadas delicadezas, conseguindo até ás vezes augmentar o calote com mais alguns mil réis.

A familia humana tem extraordinarias singularidades. Se a dividirmos em duas metades e a estudarmos com imparcialidade, logo nos convenceremos de que uma engana e a outra é enganada e que, no genero que começa na mais inoffensiva

peta até á mais bem architectada burla, pouco haverá já para inventar, tantos e tamanhos tem sido os artificios de que se tem servido os mais espertos para ludibriar os incautos ou menos atilados, victimas seculares dos embustes e artimanhas.

Não sabemos como, nem a nossa paciencia chega para o indagar, inventou-se o *peixe d'abril*. A invenção parece que é franceza.

Simples brincadeira, consistindo no inicio n'uma singella mentirola, n'um engano que facilmente se descobria, o peixe d'abril foi crescendo, foi crescendo e tem hoje proporções attendiveis e que não são para desprezar.

A imprensa, essa imprensa que não tem escrupulos e que vive da exploração do escandalo, do caso tetrico, do grande e horrivel crime; que á *ultima hora* consegue com cartas abertas, e fechadas, extorquir ao desprevenido o cobre que lhe vae sujando e moendo a algibeira, tem ultimamente ido muito alem do que é permittido n'uma terra que se presa de querer ser civilisada.

Ha pouco ainda, o *peixe de abril* reduzia-se á narraçáo d'um caso vulgar, uma simples *blague* que se descobria á quarta ou quinta linha; agora é uma mentira cheia de pormenores verosimeis, mas tetricos, que vae levar o susto e o terror a muitas familias, ou então inventa-se a morte d'este ou d'aquelle vulto mais em evidencia.

E um bando de garotos, rotos e esfaimados, atroa os ares e enche as ruas com vosearia de ensurdecer.

E n'um paiz em que tão pouco se lê o que é util, o que é indispensavel, procura-se com avidez, que não é facil definir, tomar conhecimento do caso sensacional ou do escandalo, para em seguida se arrepelarem por terem gasto os cobres n'um papel

sem applicação de especie alguma e que apenas é uma demonstração de que a nossa sociedade já não sabe recorrer aos meios honestos de ganhar a vida.

Um edital do governador civil prohibiu que pelo Entrudo se usassem os ovos, as laranjas, as *cocottes* e os pós; os *projecteis* carnavalescos ficaram reduzidos aos inoffensivos *confetti* e já podemos sair nos tres dias de loucura com a certeza de que não nos incommodam, nem nos sujam; acha-nos bem, foi um grande passo em favor da civilisação.

Falta-nos, porem, o resto, que é simples, como *bonjour* e facil como accender um cigarro, ou saborear uma pitada.

Esse resto é prohibir a exploração indecorosa de que somos victimas applicando multas cuja importancia não deixasse vontade de reincidir e que podiam ser destinadas ao desenvolvimento da instrucção, pois da falta d'esta resultam todos os males de que enferma este pobre paiz digno de melhor sorte e de melhores dias.

Somos partidarios de todas as liberdades, condemnamos sem a menor hesitação tudo quanto seja licença.

E licença tem sido, e é, o que por ahí estamos vendo todos os dias, a todos os cantos e a proposito de todos os assumptos.

Um edital que prohibisse de vez estas *laranjadas*, estes *ovos*, que nos arremessam os menos escrupulosos e que emporçalhavam uma sociedade como a nossa, mereceria certamente o elogio de todos os que acima de tudo desejam o engrandecimento da terra em que nasceram.

O nosso chá e torradas precisa ás vezes... ter assucar de menos.

JOÃO PACIFICO.



NOTAS CIENTIFICAS

Chronica

ACTUALIDADES

A questão da longevidade

(Conclusão)

No entanto, — e o caso afigura-se um pouco particular no nosso tempo, — alguns moços também, e mais numerosos do que se pensa, inquietam-se com a ideia de chegarem a velhos. Um pessimismo posição ornamentalhes ainda o aspecto, mas rodeiam-se de tantas precauções, olham tanto por si, notam com tanto cuidado os mais pequenos incommodos, seguem tão escrupulosamente os tratamentos absurdos que os medicos fartos de os aturar lhes indicam, que bem claro se prova ser a existencia a seus olhos de valor inestimavel. Para a conservar impõem-se privações e torturas mais terriveis que as do escravo no ergastulo ou do mineiro na sua cova. E quando pela sua posição e riqueza — os pobres, felizmente para elles, não têm vagar para se tratar tão bem, — poderião entregar-se aos regabofes que alegrem os sentidos, ou a esses excessos de actividade e trabalho de que a collectividade tira sempre algum proveito, preferem encerrar-se no estreito e triste circulo das precauções egoistas. O aphorismo, que citei no principio, nem por isso está em falha, porque esses moços são velhos, têm o genio triste e a personalidade aborrecida d'estes ultimos, assim como as suas perturbações morbidas, taras, vicios e imminencia da morte.

Por outro lado, — e é esse o verdadeiro ponto de vista philosophico, — não valerá mais, para cada qual de nós, para a familia, para a raça, para a humanidade, viver a vida commum, luctar, soffrer, amar, vencer, do que passar a existencia contrafeita, mesquinha forçosamente solitaria que os professores de longevidade recommendam? A vida da natureza tem em si propria a sua razão de ser, que é perpetuar seres cada vez melhor adaptados ao ambiente, cada vez mais aperfeiçoados para o combate e para a victoria. A existencia dos longevicolas não tem outra justificação senão a inutilidade no isolamento, taes os idolos das cryptas de Dekkan, olvidados, sem prestigio e sem devotos, que se deixam corroer pela humidade, enquanto contemplan os umbigos de pedra. Os preceitos de hygiene da longevidade são, na sua integridade, inapplicaveis não só

pela grande massa de individuos, que não têm a possibilidade de satisfazer as obrigações onerosas e incessantes que elles causam, mas por toda e qualquer pessoa, porque para obter d'estes preceitos os efeitos que comportam, é mister pô-los em pratica desde o nascimento, antes d'elle talvez mesmo, e depois d'isso não os omitir nem descurar um só instante. Condições de tal modo artificiaes collocam o homem completamente fóra da natureza, o que equivale a dizer que ellas estão e ficarão sempre pertencendo ao dominio da pura theoria. O medico, em dado momento, pode e deve fazer allusão a ellas, não para entreter as creanças vãs dos timoratos, mas para dissipar as illusões funestas, pôr todas as cousas no seu lugar, e ensinar que se a morte é temivel quando vem ceifar antes de tempo uma existencia bem vivida, é também benefica a salutar, quando supprime os inuteis e os perigosos.

DR. J. LAUMONIER.

ESPIRITISMO

ORIGENS DO HOMEM

(Comunicação)

I

Meus irmãos, elevei-me sobre o presente, e meu espirito viu.

Que foi o que meu espirito viu?

Vi o passado e vislumbrou um pouco do futuro.

Vi primeiro a confusão, o estado cahotico primitivo do planeta que habitaes; e minha alma admirou o poder de Deus no berço da humanidade. O cahos terrestre estava submerso na luz, na harmonia universal, no fecundo seio do Creador.

Que vi mais?

Vi a nuvem condensar-se e o cahos ir obedecendo e transformando-se ao impulso da unica lei que governa o Universo.

A terra ia surgindo da confusão, e rolava, rolava pelo infinito, banhada nos raios do Sol e envolta na luz de myriades de formosissimas estrellas. E minha alma admirou o poder de Deus e a sua sabedoria increada.

Que vi mais?

Vi levantarem-se da terra os vapores e cahirem mares de chuva, esfriando-a, fecundando-a e preparando-a para os seus grandes destinos. E seu seio virginal, obedecendo á suprema lei das harmonias, recebia os primeiros germens, a semente de vida destinada a fecundar os organismos. E minha alma admirou o poder de Deus e sua ineffavel providencia.

Que vi mais?

Vi a terra levantar-se do fundo das aguas e separarem-se os mares dos

continentes, e o fluido vivificante elaborar, no secreto da natureza e no mysterio das forças emanadas da suprema lei, os organismos primitivos. Um principio sem principio, anterior e superior a todo outro principio, uma força anterior e superior a toda outra força, uma lei anterior e superior a toda outra causa, uma intelligencia anterior e superior a toda outra vontade penetrava tudo e tudo preenchia. E minha alma admirou o poder de Deus e a sua incompreensivel immensidade.

Que vi mais?

Vi os raios do sol banhando as primeiras collinas da criação e produzindo um oceano de pontos luminosos na superficie agitada das aguas. Que bella e magestosa solidão! E as collinas da terra, e o fundo dos mares cobriam-se e atapetavam-se com as encantadoras primicias da vegetação! E minha alma admirou o poder de Deus e a formosura de suas obras.

Que vi mais?

Vi grandes revoluções e espantosos cataclysmos; a terra gretar-se e arrojear de suas entranhas nuvens candentes e turbilhões de fumo e fogo como montanhas, e as aguas galgarem os limites fixados inundando a terra, como se corressem a apagar aquelle incendio universal por meio de um diluvio universal. E nem por isso deixava o globo de seguir seu curso; porque os cataclysmos entravam nos efeitos da primeira e unica lei imposta á substancia material. E minha alma admirou o poder de Deus e a sua admiravel previsão.

Que vi mais?

Vi surgir de novo a ordem e a harmonia do seio da confusão, desenharem-se no firmamento o arco-iris, renascerem as plantas e transformar-se, mais ricas em frescura e em louçania, embelezando mais e mais a superficie terrestre. A nuvem que circundava e encarcerava a terra, ia purificando-se e tornando-se mais tenue, mais subtil e transparente. O planeta havia fechado as enormes aberturas que tinham dado passagem ao fogo de suas entranhas. E minha alma admirou o poder de Deus e a sua esmagadora grandeza.

Que vi mais?

Vi com surpresa, e percorri, toda a escala ascendente de vegetação em seus innumeraveis typos, desde os mais simples e imperfeitos até aos mais perfeitos e complicados. No cimo da montanha, na cuspide da pyramide, no mais elevado dos typos pareceu-me adinhar que o desenvolvimento das plantas não é devido sómente ao fluido, ao principio vivificante, mas que intervem n'elle um fluido, um principio quicá mais ethereo e celestial. E fixando, confuso e impotente, o meu olhar na soberba vegetação que cobria as terras primitivas, admirei o poder de Deus e o insondavel de seus segredos.

(Continúa).



O Crime

"Dellard"

GORON

(Conclusão)

Querido Leão.

Espero que venhas amanhã vêr-me. Conto com isso! Se viéres, não te esqueças de trazer-me um sabonete Hélicien.—Vê se encontras nos meus alfarrábios um dicionário francês, o Larousse por exemplo; a edição pequena já se vê.

Está aqui, encarcerado comigo, um tipo muito ratão; entre outras coisas ensina-me calão. Não é, está claro, o calão que estamos costumados a ouvir na escola ou no club, nada disso; é o verdadeiro, o puro, o genuino calão da verdadeira, pura e genuína malandragem parisiense. E' muito curioso. Numa das minhas proximas cartas heide enviar-te uma amostra deste idioma delicado.

Não tenho ultimamente escrito nem a palavra do meu livro. E' completamente impossível trabalhar em companhia desta canalha. Mandei pedir ao diretor da Conciergerie que me mudasse de cela. Creio que me attenderá sem difficuldade.

Adeus meu bébézinho; abraça-te com ternura o teu

Luis.

Querido Leão.

Envio-te essa insignificante fantasia, á qual darás o destino que entenderes. Junta-a, se o julgares conveniente, aos sonetos que outro dia te mandei:

Dansa dos pensamentos

A Mademoiselle X. X. X.

O Prisioneiro

Meus pensamentos alados
Que voaes entrelaçados
Nas profundêzas do Céu,
Dizei-me: que estranho canto
Faz enxugar o meu pranto,
Da noite rasgando o véu?

Os Pensamentos

Nós voámos
E dançámos
Ao sabôr da leve brisa;
Ao compasso,
Pêlo espaço,
Aureo grupo que deslisa!

O Prisioneiro

Que suavissima harmonia
De vós, bemdita, irradiia?
Se d'Amor sois mensageiros,
Oh! yinde, voae ligeiros,
Trazei os seus doces beijos
A' fonte dos meus desejos!

Mascaras illustres



Antonio Soares dos Reis

Os Pensamentos

Linda fada
Na morada
D'oiro, purpura e marfim,
Diz aflita
A pobresita
«Este amor não terá fim»
Adeus querido Leão; abraço-te com ternura.
Até domingo.

Luis Anastay.

No decorrêr do processo, Henry Roburt, advogado do réu requereu que este fosse submetido a exame medico; o delegado opôz-se a este pedido e o juiz deu razão ao delegado.

Por fim, Anastay foi condemnado á morte e como o culpado fosse official do exercito e o seu crime, por isso mesmo, mais abominavel, era certo que não haveria commutação de pena.

Creio que o condemnado não tinha illusão alguma a tal respeito, ou, se a tinha, representava perfeitamente a comedia da conformação. Assim: dias antes da execução escrevia ao irmão, ditando-lhe as ultimas vontades:

«Não creio que a deslocação d'aquilo que constituc o meu sêr pensante, se faça logo depois da separação da cabeça. Espero viver ainda uma hora apoz a execução. Leão peço-te que venhas assistir ao supplicio e nesse momento, pede, implora, exige que te deem a minha cabeça. Chama por mim então e verás que, ao som da tua voz os meus olhos se hão-de abrir e responder ao teu apêlo.»

Até á antevespera do dia fatal, recebeu sempre cortezmente o padre Valadier mas recusou sempre confessar-se. Nesse dia porrem, caiu aos pés do ecclesiastico e, lavado em lagrimas, confessou-se de seus erros e crimes.

Dois dias depois, viemos acordar Anastay pêla volta das cinco da manhã: tratava-se, para êle, da expiação suprema. Levantou-se serenamente e, voltando-se para o padre Valadier, disse-lhe com um sorriso doce e triste:

«Então, sr. abade, andei ou não andei bem, reconciliando-me antes de hontem com Deus.»

A idéa que expuséra na carta dirigida ao irmão não lhe abandonára o cerebro.

Emquanto Deibler procedia á funebre toilette, exclamou com voz clara e forte:

«Entre as pessoas presentes haverá

«por acaso um medico que possa constatar a permanencia da vida na cabeça apoz a separação d'esta?»

— «Meu amigo, respondeu o padre, — não pense n'essas coisas.

Alguns minutos depois Anastay pagava a sua divida á sociedade...

Morreu animosa e valentemente como deve morrer um soldado!

FIM

Ao meu querido irmão de saudosissima memoria ao vêl-o tão calmo e coberto de flores.

No caixão

Tão calmo, tão sereno repousava
No funebre caixão, que quem o via,
Suppunha ser um santo que alli dormia
Apos longa fadiga que findava!

Só quando a sua fronte lhe beijava,
Pelo sopro da morte já tão fria,
E' que com magua e dor reconhecia
Que era um corpo sem vida que alli estava.

Para aos seus dar ventura e dar carinhos
Supportou com heroismo os mil rigores
D'existencia cruez; cheia d'espinhos.

Mas vivo circundavam-no louvores;
Morto, combrem-no a esposa e os filhos
De lagrimas, de beijos, e de flores.

Lisboa 24-3-08.

Commendador JOSÉ DE PAIVA SOARES DINIZ.

Ao pôr do sol

Trindades. No horizonte o sol vae immergindo
serêno como a Fé; sem magua ou desagradado,
como um obreiro bom que se sente cansado
e tranquillo se deita e adormece sorrindo.

Do trabalho no campo o dia era já findo.
A casa recolhiam os lavradores e o gado,
pr'a de novo voltar mal que o sol fosse nado,
á labuta da vida, esse trabalho infindo.

A terra, a mãe-commum, serêna repousava;
de tanto trabalhar, cansada, descansava;
fatigada tambem, tambem adormecia.

A lua ia a nascer no céu calmo e serêno;
e um galhofeiro melro em seu gorgeio amêno
as boas noites dava, ao sôl com ironia.

H. A. BACELLAR.

Cumulos

Da commodidade— Louvar a Deus de gatinhas.

Do patriotismo— Obter n'estas eleições votos de castidade.

Aparar uma maçada a canivete.

Tentar uma acção da Companhia das Aguas.

Coser com agulhas de marear a linha do horizonte.

ARTE

DE

TEATRO

Papá Lebonnard, drama em 4 actos, de Jean Aicard, tradução de Manuel Penteadó e Luiz Galhardo. T. D. Maria — 27 março 1908.

Joaquim d'Almeida, o grande comediante, a quem 52 annos de tirocinio scenico não caçaram o valor altissimo, fez a sua reaparição no D. Maria, representando uma das peças que lhe solidificariam o nome se outros trabalhos de valia o não tivessem posto nos labios dos amigos de teatro.

Joaquim d'Almeida, é o actor mais português, do nosso tempo. Quem fôr de boa fé assistir a espectáculo em que elle entre, o notará desde logo como um dos artistas que melhor defende a sua nacionalidade. Poderá representar peça estrangeira mal adaptada aos nossos costumes, não importa; o grande actor interpreta a individualidade do original insuflando-lhe nas veias a vida propria do nosso temperamento meridional. Honra lhe seja. E' com artistas como Joaquim d'Almeida, que o teatro se nacionalisa: cria obras que lembrem ao povo o vigor da nossa raça e a independencia necessaria a quem deseja ser autonomo.

Desde que os collegas de Joaquim d'Almeida, ao representarem peça onde o português — artista seja interprete consciencioso, não nivelarem com a sua probidade profissional, o conjuncto desaparece para desnudar a insuficiencia de cada um de per si e focar o talento nativo do que está adentro da psichica creada pelo autor.

Bem sabemos que nem todos os actores portuguezes possuem o sentimento natural de Joaquim d'Almeida. Isso era o cnmulo da monomania e nada ha mais encantador em arte do que a perfeita heterogeneidade de exteriorisação. Mas o que é imprescindivel é a faculdade de assimilar qualquer individualidade alheia que, no embate das suas paixões, equilibra todas as outras com que haja de lutar durante o conflito scenico.

Esse poder de assimilação artisticada foi o que se não encontrou na representação do *Papá Lebonnard*. E não se encontrou porque os profissionaes da casa, a sr.^a Maria Pia e o sr. Carlos Santos, esqueceram quem era o artista encarregado do protagonista ou foram victimas da visão porque encararam as diversas nuanças das suas complexas personagens.

A sr.^a Maria Pia, não nos deu o caracter preconceituoso da madame Lebonnard. A sua concepção do papel foi toda outra. Exteriorizou uma mundana de olhar libidinoso propagando vicios. A esposa de Lebonnard se foi adúltera é porque a educação burguesa de nossos dias a tal a levou — educação que a convenceu de que a aristocracia era o suprasumo da vida. Não é uma adúltera genésica, mas um ente adulterado pelo meio ambiente que absorveu a longos haustos. Uma coisa é o mal uterino; outra o mal social. Uma pertence aos domínios da fisiologia; a outra entra no campo vasto da sociologia e só tem cura quando a sociedade se modificar. Para apontar o mal com o facto dramaturgico é que Jean Aicard esboçou essa figura humana de Lebonnard, contrapondo-lhe a de sua mulher, degladiando-os num bem trabalhado conflicto teatral. A sr.^a Maria Pia, nem do lado

por onde compreendeu a personagem estava segura, o que provocou o escandalo de que se envergonharia se não fosse uma profissionaal vulgar.

O sr. Carlos Santos, tem em teatro e no nucleo dos espectadores amigos a fama de rapaz intelligente. Como a intelligencia é qualidade rara na sua classe, é para ella que apellámos, esperando que a concretize: O sr. Carlos Santos, não estudou com amor a difficil parte de Roberto Lebonnard. O sr. Santos, decorou as palavras, muito bem postas no novo idioma pelos traductores correctos, e foi com a sua individualidade propria contrasencenar com o sr. Joaquim d'Almeida, que em sua frente se transformára em *Papá Lebonnard*. Se o sr. Joaquim d'Almeida, não fosse o artista que é: se ao entrar em scena não estivesse mettido na pelle do tipo que lhe distribuiram, não nos admira que dissésse, na sua voz, muito sua: — «Como estás tu, ó Carlos Santos?» E o sr. Santos ficava impossibilitado

Figuras do Palco



Actriz Rosa d'Andrade

de afirmar que não era o Carlos Santos, mas o Roberto Lebonnard. Só se o Roberto fosse seu gêmeo! O sr. Santos aceita um conselho d'amigo: Trata de modificar a sua dicção no que ella tem de empolado. Pode fazê-lo, porque fóra do teatro não falla assim. Evita esses sons desagradaveis que lhe saiem ao começo e fim de quasi todos os periodos. E para nos provar que é verdadeira a fama de que gosa, concorda comosco e põe em pratica o desbastamento desses defeitos basilares. Valeu?

Depois do trabalho de Joaquim d'Almeida, para o qual os adjectivos são sédiços, notamos a execução limpida da sr.^a Palmira Torres. Basta a scena do 3.^o acto em que exproba em tom de pomba ferida o procedimento de Branca d'Estrey, para a elevar ao logar que lhe pertence. Em o artista sendo intelligente não é difficil acertar.

O sr. Pinto Costa, foi correcto. A sr.^a Jesuina Mottilli, sem vãos de aguia pretenciosa, mas a compensá-los teve rastejar d'azas de gaivota consciente. A sr.^a Amelia Vianna, fez todo o 1.^o acto com dignidade artistica.

Sabemos ter o sr. Mello dirigido os ensaios.

Nesta secção já lhe temos dito tantas vezes a mesma coisa, que uma vez mais parecerá malquerença. E depois não gostam que o critico d'*O Mundo* diga: — «Mas que fazer tambem se por esses bastidores não é facil enxergar um ensaiador e mestre de scena como o sr. Augusto Rosa?»

O Solar dos Barrigas, opera comica, em 3 actos, original de Gervasio Lobato e D. João da Camara. Musica de Cyriaco Cardoso. T. Avenida — 31 março 1908.

Luiz Galhardo, como empresario intelligente e sabedor, bem fez em contratar a sr.^a Palmira Bastos, para n'uma série de recitas extraordinarias, mostrar no seu repertorio cançado todo o seu valor que torna as peças jovens e agradaveis através dos cabellos brancos.

No *Solar dos Barrigas*, é a cantora exímia e actriz correcta, quem mostra ao espectador quanta graça tiveram os falecidos escritores de teatro e o encanto duma partitura genuinamente nacional. Graça e musica, são as qualidades que farão com que *O Solar* não morra e tenha a mesma sorte da Italia com o seu *Boccacio*, e da França com a *Filha da Madame Angot*. E' o condão de todas as obras d'arte, ainda que com fins diversos.

Como já dissémos, a sr.^a Palmira Bastos, é simplesmente encantadora na sua Manuela, humanizando-lhe o contorno da figura ligeira de opera comica. Pinto Ramos, é interessante no D. Ramiro. Gomes, comico, sem destrambalhamentos de graça. Alvaro Canhal, originalissimo na exteriorisação do Tachadas. Dallila, gentil na Fifi. Chica Martins, clownésca na D. Propocopia Goes. Amarante, gracioso no Pescadinha. José Alves arrojando com um papel difficil, que procurou vencer. Batuta firme, de Capitani. Córós afinados. Encenação cuidada.

O Leque, 3 actos de Flerse Caillavet. Traduzidos por Acacio de Paiva. T. D. Amelia — 28, março 1908.

A empreza do D. Amelia fazendo exhibir *O Leque*, disse ser a ultima peça nova da temporada. Realmente a época foi trabalhosa, tendo a compensá-la a concorrência do publico.

Representaram-se em primeira: *Casa em Ordem* — *A Mão Esquerda* — *As Duas Madames Delaure* — *A Sorte dos Maridos* — *O Verdadeiro Rumo* — *Direitos Paternos* — *Raffles* — *O Menino Ambrózio* — *O Leque*. Sete comedias francezas e duas inglesas. Originaes: *A Mentira*, 1 Marcellino Mesquita — *Rosas de Todo o acto*, des Anno, 1 acto de Julio Dantas — *O Salão do Theouso Velho*, revista em 1 acto de André Brun.

Como obras d'arte, d'aquella arte que não prejudica moralmente quem a veja, aliando á technica impecavel o entreccho purificador, só citarémos as peças: *Casa em Ordem* e *Direitos Paternos*. Todas as outras não merecem os reparos de quem olhe o theatro como escola de costumes e aperfeiçoamento do caracter humano. Dos originaes, notarémos a graça do sr. Brun.

O Leque, pertence ao genero teatral de que Flers e Caillavet, são cultores. E' costume ler-se nas criticas dos jornaes diarios que o teatro francez está cheio de peças como *O Leque*. E' um facto; mas tambem e bom dizer ao publico que na literatura dramatica franceza, ha muitos Flers e Caillavet, Feydeau e Berr de Turique, Francis de Croisset, e Willy, mas tambem ha os Doanny, os Mirbeau, os Brieux, os François de Curel, os Bernéde, que em suas obras fundamentalmente humanas demonstram a inanimidade do teatro *canaille* dos seus compatriotas.

O Leque, teve para nós uma qualidade agradável — patenteou-nos o Sr. Acacio de Paiva como um traductor comiente. O desempenho *rafiné* por parte do Sr. Augusto Rosa e da sr.^a Lucilia Simões. Escrupuloso, o do Sr. Antonio Pinheiro e da sr.^a Angela Pinto.

Encenação cuidada do Sr. Pinheiro.
MARIO LAGE.

ORINDO E CHORANDO...

Cartas á prima

III

Acabo de reler a tua apreciada carta.

Em cada lettra, a cada palavra, ao terminar de cada phrase, eu idealizei o ziguezaguear sobre o papel da tua pequenina mão.

Imaginei-te, loirinha como os trigoas, envolta no teu vestidinho branco de neve, curvada sobre a mesa da tua saleta, escrevinhando as linhas deliciosas que sofregamente li e reli.

A realidade não devia ter sido muito calumniada pela minha imaginação, apesar de ha tanto nos não vemos. Deves estar uma moçoila linda! Caminheira da estrada florida dos quinze annos breve como um atalho, phantasiosa como beijo de noiva, ahí vives cheia d'innocencia, enclausurada no acanhado ambito d'essa gaiolinha doirada, modesta aldeola onde pela vez primeira olhaste o sol que lhe doira os cerros.

A tua existencia foi sempre manhã de rosas; alguma coisa de ethereo e poetico atravessando as caprichosas malhas d'um cerebro de sonhadora.

Deixa-te ficar ahí, se ambicionas continuar a prever somente alvoradas, perfumes, beijos e sorrisos.

Não queiras conhecer o mundo praticamente. Far-te-hias, como eu, uma velhinha precoce á custa das suas inimidades e ingrátidões, ao ver-lhe as falsidades e invejas, ao escarpellar-lhe as suas basofias e postigos.

Esta Lisboa, que tu anceias por visitar, é um desmesurado tartufo, vivendo da exploração publica, ridicula como uma gravata branca com pingos de vinho ou um sabre policial dependurado no Menino Jesus.

Por aqui enganam-se uns aos outros, sempre de luva branca e sem desafiellarem a mascara quotidiana da caridade, do bom senso, da honestidade e altruismo.

Aqui ha somente imitações. Se algum mais intelligente dá á luz uma ideia, logo os outros buscam espiarlh'a, avaros da ganancia, do que resulta morrerem todos com fome. E' o caso dos animatographos, é, ainda, o da chuva fortissima das *Cartas Abertas*.

Certo dia alguém que muito respeito escreveu para um jornal um pedaço de boa prosa, a que denominou Carta Aberta, facto este que augmentou a tiragem.

Foi o rastilho que inflamou a ganancia dos restantes, ganancia que desceu até ao quarto da cama da exploração.

Houve então uma cartada colossal! Como diabos de magica, de todos

os lados surgiram banqueiros, armando batótas de lepes e dando cartas.

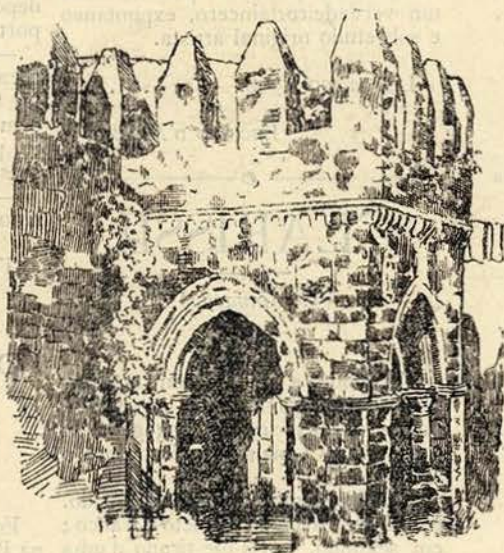
O pobre *Tlim* apanhou tambem a respectiva epistola.

Ellas foram tantas que julgo mesmo ter sido o cavallo do D. Jesé, na estatua da Memoria, o unico que conseguiu salvar-se d'este enxurro.

Tão facilmente como eu o estou fazendo, todos se armaram em conseleiros, jornalistas e criticos, prendendo aos hombros a capa virtuosa mas diaphana da instrução do povo.

D'este ensino pode ajuizar-se olhando a *Carta* onde se diz que a Tavora morreu no reinado de Pedro II! Não te parece, Maria Rosa, que, se o D.

Portugal pittoresco



Fonte das Figueiras — Santarém.

Pedro vivesse mandaria fechar a sete chaves a carta d'instrução primaria d'este auctor da *Carta Aberta*?

Após este baralho de cartas, surgiu o desmoronamento da ponte do Porto, em falsa noticia da ultima hora.

Estás rindo muito do fino espirito, da extraordinaria graça de apregoar aos quatro ventos a morte dos passageiros d'um comboio que ia passando sobre a referida ponte!

Vê bem até onde chega o furor de ganhar uns miseros vintens, sem o remorso da pratica d'uma acção má.

A brincadeira innocente fez adoecer algumas pessoas, cujos parentes viajavam na linha do norte, e que foram apanhadas de chofre pelos altos preços dos vendedores.

Mas que importava lá que um cardiaco morresse d'uma congestão ou d'uma apoplexia, se muita gente compraria o papelinho e no bolso do seu auctor iam entrar uns poucos de tostões.

Não venhas a Lisboa, prima, deixa-te ficar na vossa aldeia, onde a miseria não é tamanha.

Teu primo
LAMPARINA

Pensamento

As sciencias teem raizes amargas, mas os fructos são doces.

A Nossa Estante

Os meus versos — por Julio Baptista Ripado. Prefacio de D. João da Camara.

Prefacia este livro o inolvidavel poeta e dramaturgo D. João da Camara. Nem mais era preciso mas consinta-nos o leitor que á memoria de Julio Baptista Ripado prestemos mais um sentido preito de homenagem. Com os vinte annos de idade em que deixou a vida foi, a par de um poeta, um promettedor artista. Original na concepção e não menos na forma litteraria elle era, para todos que o liam, uma esperanza. A familia e alguns amigos reuniram as suas melhores composições formando um livro precioso de verdadeiras poesias e puzeram-no á venda tornando assim patente, n'uma saudade immensa, a alma de eleição do desditoso Julião.

N'«Os Meus Versos» ahí recorda os tempos de creança em apreciaveis sonetos. N'«Os Meus Versos» tem o condão superior de nos fazer sentir com os protogonistas as miserias que os affligem e que elle acaba sempre por doirar com uma esperanza bem dita. Como se vê era um poeta lyrico, com justificada razão n'estes tempos que atravessamos em que a crise social se nos mostra sob o triple aspecto de moral politica e religiosa. O genero épico já raro tem assumptos. Só o dramatico e o lyrico teem razão de existir. A vida é agora mais do que nunca como muito bem nos disse Guerra Junqueiro: «A dôr e o amor».

O poeta verdadeiro de hoje é o reflectôr de todos os infortunios que apoquentam a humanidade e atravez de este prisma vemos e apreciamos o auctor d'«Os Meus Versos».

As duas poesias: O Manequim e a Ferradura são um exemplo frizante do que acabamos de expôr.

O Manequim

Que mágoa tão dolorida
Tem no rosto despintado,
O manequim malfadado
D'esta lojinha esquecida!

O dono junto ao balcão,
Dorme affastando tristezas:
Má sorte!... os dias lá vão...
E a casa não tem freguezas!...

E o manequim porta fóra,
Pobre mulherzinha afflicta,
No seu vestido de chita,
A má sorte não melhora !

Aquella tosca figura
É o bóbo dos caminantes :
Que ultrages assim constantes,
Que dolorosa amargura !

Até o chapéu vermelho,
Que tem posto para a testa,
Fora da moda, já velho,
Serve aos garotos de festa !

Um hêbado, inda outro dia,
Passando, a fallar sósinho
Deu-lhe um beijo... dois... e ria...
Os labios tintos de vinho !

Os homens do mundo inteiro
São sempre maus ! Infeliz !...
Hontem foi um marinheiro
Que lhe amolgou o nariz !

No entanto, alguém ha que sente
Esta tão triste desgraça :
Um rapazito doente
Que ás vezes, de noite, passa,

Na companhia do pae,
— As frias mãos pequenitas —
Faz lhe caricias bemditas.
Pergunta-lhe como vae...

Mais ninguém !... Mas se o logista
Conseguir (breve acordando !)
Que a bóa sorte lhe assista
E a loja fôr prosperando;

E o manequim appareça
Vestido de sedas cáras,
Tendo ao alto, na cabeça,
Um chapéu de plumas raras.

— Realidades da vida ! —
Toca essa gente, ao passar,
Será capaz de adorar
Esta figura vencida !

A ferradura

Atrás da porta desse quarto triste,
Onde eu subi, para alugar, um dia,
E que sem morador ainda existe,

Alguém escreveu, a lapis,—quem seria?—
Os anonymos versos de saudade,
Que hoje a minha memoria ahí te envia :

— «Feliz, que vens morar na santidad
Destas paredes cheias de candura,
Dóce abrigo da minha mocidade;

Não te rias da pobre ferradura,
Além no tecto, ha tantos annos presa,
Tão ferrugenta já, tão obscura !...

Sabes ? Eu alcancei fama, riqueza,
Sonhos que este teu quarto viu formar,
E não posso esquecer esta pobreza !...

Quiz vêr ainda o meu perdido lar !...
Deve comprehender teu sentimento
Esta saudade que não sei explicar !...

Quando hoje entrei, nesse enternecimento
Suave, que nos resta nesta vida
Por tudo o que passou e que eu lamento,

Ao vêr a ferradura além esquecida,
Reliquia ingenua de bom tempo antigo,
Senti uma commoção nunca sentida !

Recordações do meu passado amigo,
Feito dessa chimera já ausente,
Que na minha saudade inda bemdigo !

Era, como és agora, certamente,
Iludido feliz e pobrezinho,
A' espera de um futuro sorridente,

Quando tropecei nella, no caminho,
Um dia, regressando, satisfeito,
A' ventura singella do meu ninho...

Abaixei-me e guardei-a, com respeito,
Naquelle bom agoiro tão fallado
Por nossas santas mães, com tanto geito !

E como eu vinha alegre e confiado !...
— O' minhas lindas illusões outr'ora,
Risonhas illusões do meu passado !

Cuidando, (e esta lembrança alegre, embóra,
Os meus olhos de lagrimas arraza !)
Na fé ingenua que em nós todos móra,
Trazer a boa sorte para casa !

Permitta-nos pois a familia do
malgrado poeta que, da humildade
do nosso retiro, contribuamos tam-
bem com uma apreciação sincera,
ainda que breve, para a glorificação do
nome de quem se vivesse, teria os
melhores auspícios de se notabilisar,
entre tantos pretensos poetas, como
um verdadeiro, sincero, expontaneo
e sobretudo original artista.

Lisboa, 29-3-908.

LUCIANO D'ARAÚJO.

CLARISSE

(Continuação)

VI

Terminou a phrase com um sor-
riso e, deixando-nos, foi immediata-
mente occupar-se das bagagens de
sua irmã. O major seguiu o para o
ajudar.

Aquella creança tinha-me seduzido.
Em primeiro logar distincto e franco ;
em segundo, havia-me tirado d'uma
grande anciedade dizendo-me por
que titulo abraçava Clarisse, titulo
inoffensivo para que o mais feroz
ciume encontrasse que dizer e, final-
mente, fazer-me um convite que me
transportava ao céo.

Não conservei muito tempo esta il-
lusão.

— Sr. Mauricio, me disse a meni-
na de Gavre que, pela primeira vez
pronunciava o meu nome, lamentava
ha pouco ver que se despedaçavam
tão depressa essas sympathias nasci-
das do acaso de uma viagem, e per-
guntava o que resta áquelles que o
mundo separa. A esses resta ainda
uma cousa encantadora, a recorda-
ção. Pois bem, quer que conserve do
senhor uma recordação muito melhor
do que poderia suppor que lhe dei-
xasse ? Tem sido bom para mim,
cheio de delicadeza e indulgencia,
poderia, pois, adquirir um novo titu-
lo á minha gratidão.

— Falle, minha senhora, o que é
preciso fazer ?

— Não falle de mim a pessoa al-
guma, emquanto estiver em Brest,
e sobretudo não accete o convite
que meu irmão acaba de transmittir-
lhe.

— Mas, minha senhora, disse com
alguém despeito, permitta-me que lhe
faça notar que, pelo menos, seria in-
delicado...

— Encarrego-me de o desculpar.

Mas faça isto por mim, sr. Mauricio.
Depois vendo que seu irmão e o
major voltavam, apoiou a mão no
meu braço e accrescentou quasi ao
meu ouvido :

— Supplico-lh'o e estima-lo-ia mui-
to.

A pressão da sua mão sobre o meu
braço, causou-me uma especie de
vertigem. Quando tornei a mim, Cla-
risse e seu irmão tinham descido
para a yola.

Corri para a proa para a ver ainda
uma vez. Sentada junto do irmão
que ia ao leme, Clarisse voltou a ca-
beça, dirigindo-me um longo olhar
cheio de supplicas e reconhecimento ;
depois a terna visão desapareceu no
porto.

— Não irei de certo mendigar
agradecimentos por uma missão que
tão facilmente desempenhei, me disse
o major quando me juntei a elle. E
tu, primo ! accrescentou com malicio-
so sorriso.

— Não sei, respondi eu pensando
n'outra cousa.

TRADUÇÃO

(Continúa)

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Foi hontem a inauguração da época
na Praça d'Algés.

Inaugurar a época em Algés o mes-
mo é que dizer dar começo ás barriga-
das de riso causadas pelos trabalhos mi-
rabolantes dos incipientes artistas !...

Ali, sim, é que são os cegos a passo
de bandarilhas, os cambios á meia vol-
ta os queibros a cuarteiro ?...

E os cavalleiros !?... Que patuscos,
alguns !... *O Pechelim do Rato*, o Ar-
robos, o Borges dos Correios !... Que
émulos distinctos dos Marialvas e Cas-
tello Melhor... de pacotilha !...

Mas o caso é que a empreza, assim,
quer o acreditem quer não, fermenta
entre a rapaziada o gosto pela tauro-
machia, e um ou outro artista d'alli sae.

Sim, porque ninguém negará que das
brincadeiras de Algés sahiram o caval-
heiro Eduardo Macedo, os bandarilhei-
ros Alexandre Vieira, João d'Oliveira,
Luciano, Alfredo dos Santos, e outros,
e que alguns ali se estão preparando.

E' a taoumachia uma arte que não
se pode professar sem praticar e muito,
e antes que um toureiro esteja apto para
se apresentar no Campo Pequeno, tem
de dar muitas vezes o corpinho ao ma-
nifesto e fazer rir os espectadores das
praças sertanejas.

Fallam para ahí que a empreza ex-
plora os rapazes, para com o trabalho

e a exposição d'elles ás vaias e chufas do publico encher os seus cofres.

Não é bem assim!

Um olho dariam ao diabo algumas emprezas de touros para ter a hombridade da de Algés que arrosta com toda a casta de desgostos e sensaborias para ganhar alguns vintens...

Que isto de emprezarios serios... quasi se apontam a dedo...

E vem aqui a talho de foice uma rectificação: n'uma das chronicas passadas alludimos ao caso de um bandarilheiro escrever á empresa da Figueira da Foz, dizendo-lhe que não tomaria parte em determinada corrida se o director da mesma fosse o que a empresa havia já contractado.

Ora é de bom juizo dizer que o bandarilheiro em questão, alem de ser um artista *judgado* indispensavel no trabalho dos cavalleiros, era tambem d'aquelles que mais sympathias conta entre o publico que costuma frequentar a praça da formosa estancia balnear.

Qualquer outra empresa mais zelosa dos interesses do que do seu bom nome e da inteireza de character que todos os homens devem possuir, sejam ministros da corôa ou simples arrieiros, trataria logo de se desfazer do contracto anteriormente clausulado e logo, á pressa, escreveria ao *diestro* dizendo-lhe: *venha você, se não, não haverá corrida.*

A empresa da Figueira da Foz tal não fez — e por isso é que o rectificamos —; entendeu melhor sustentar o que tinha combinado e dispensar o tal bandarilheiro.

E a corrida deitou-se fóra.

Por aqui veem os amigos leitores o que o fez o cavalleiro Ricardo Pereira não era novidade.

Andcu mal, repetimos, mas o que é verdade tambem é que o exemplo já vinha de traz.

E' que n'esta coisa de touros ha uma politica ainda mais transcendente do que aquella com que ahí se divertem os conselheiros conspiciosos.

ÉMECÈ.

Epigramma

Em Braga ha no cemiterio
Um epitaphio que diz:
Aqui jaz D. Eleuterio
Pessoa d'alto criterio
Que se enterrou em Paris

Miss White.

CURIOSIDADES

Contra as formigas.

Acontece muitas as vezes nos sitios humidos invadirem as formigas as casas de jantar, os guarda-louças, os armarios.

Ha um meio facil de as affastar.

No movel ou sitio que se quer expurgar d'esses importunos hospedes, colloca-se um prato cheio de borra de café. Basta isto para que ellas immediatamente levantem o cerco.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consultante: — José A. C. A.

Capricornio e Saturno! Oh, com os diabos! Não sei como nem por onde começar sem lhe ferir a epiderme do melindre, sem lhe esfaquear a vaidade!

Olhe, começo por dizêr-lhe que isto de nascêr no dia 31 de Dezembro não abona o individuo em coisa alguma. Mostra que se não teve coragem de nascêr no anno seguinte, tendo-o ali mêmso á beirinha.

Eu bem sei, pêlos astros, que o sr. quiz nascêr em Janeiro, mas, a pressa era tanta, o furôr de chegar obsecava de tal maneira o seu espirito que, não teve mão em si e zás, chegou mais cedo; isto me prova já que o sr. nunca hade pertencêr á policia porque esta, como sabe, chega sempre mais tarde!

Da impaciencia com que entrou no mundo resultou logo o alicerce do seu character e uma caracteristica do seu futuro, e vem a sêr:

O sr. José é um ambicioso de gloria, de poder e d'altos cargos sociaes; as honras e as dignidades ofuscanno, fazem-lhe o efeito que, a um esfomeado de oito dias, produziriam a vista e o cheiro dum gigantêscico prato de chourico com ovos (comida creio eu, muito usada no seu paiz: — eu não gosto): — dava com certeza oito tostões (quatre francs — n'est ce pas?) para poder colocar qualquer *ruban rouge* na botoeira e muito mais, se lhe pedissem, para sêr chefe de repartição, mestre de musica, senadôr (par do Reino, *au Portugal*), Nero, Caligula, Napoleão, Dante ou Spinoza. — Cristo não, por causa do madeiro.

Pois terá a cruz do Martir se, para conseguir seus fins, não lhe imitar as virtudes.

O sr., a quem não tenho a honra de conhecêr (e tenho pênna), é in-

fluenciado de tal maneira por saturno que, para obtêr o que desêja, será impellido, a mênos que a sua bronzea vontade ou um anjo tutelar (ainda os ha nêste mundo, com tripas e sem azas) o não segurem, a recorrer a manobras tortuosas e baixas e quem sabe se irá até ao...

Não digo mais!

Creio que as minhas palavras calarão fundo na sua alma, fará o possivel para arrancar o joio que cresce entre o loiro trigo da sua fecunda inteligencia, ameaçando a integridade da seára!

Mercê do seu aturado e proficuo estudo, da generosidade da sua alma, da bondade com que tratará os humildes, da deferencia e respeito para os seus superiores, da sua honestidade da sua inteireza de character, de tudo emfim quanto é nobre, grande, bêlo e bom que vejo em potencial no fundo da sua personalidade poderá e deverá vêr realisado o seu Ideal fixo na fulgida moldura da Virtude e do Bem!

Se enverêda por outra estrada... zás... madeiro ás costas.

Não dê ouvidos ao Saturno... aquillo é peor que um cão danado. O patife até comia os filhos!

Pônha-se de mal com êle e não me queira mal a mim!

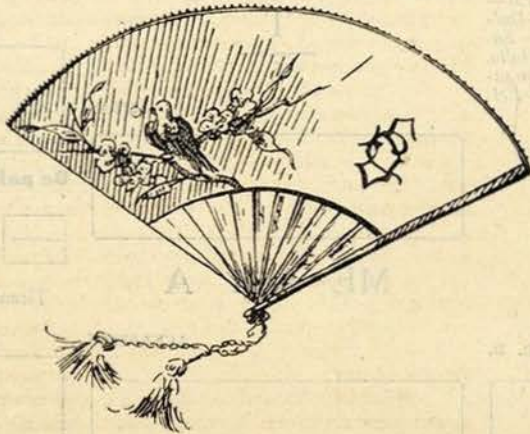
G. C

(Veja nas capas a senha de consulta e de mais requisitos)

VARIEDADES

Codorniz recheada. — Prepara-se um recheio de toucinho, salsa, cebolinha e recheiam-se com elle as codornizes, que devem ter sido previamente passadas pelo lume. Em seguida mettem-se n'uma caçarola com toucinho e levam-se ao lume pelo tempo de um quarto de hora; adiciona-se-lhes um pouco de caldo simples, meio copo de vinho branco e cozem-se a fogo lento, servindo-se depois ou com limão ou com vinagre.

BORDADOS E RENDAS



Céo Beça.

Semana Alegre

No tribunal: o juiz interrogando uma testemunha.

— A sua idade, senhora?

— Já vi decorrer 19 primaveras;

— Sim?... E ha quanto tempo é cega?

A mãe — Ainda hontem levaste com a chibata, e já tornaste hoje a fazer as mesmas maldades.

O filho — Isso o que prova, é que a chibata me não faz bem nenhum!

GRAVURAS

Alugam-se n'esta redacção — Preço modico.

Trata-se, todos os dias não santificados, das 11 da manhã ás 4 da tarde.

POSTA RESTANTE

Galucho — O seu soneto tem versos de nove, dez e onze syllabas.

Petrus — Errados nas syllabas e accento tonico, a começar na primeira quadra.

João de Castro — Idem. Exemplo: Que me deu ao coração a calma...

Julio Machado — Se forem bons e pouco extensas, que duvidas ha n'isso?

Antonio de M. J. — E' possivel. Tem vindo tantas! como são remetidas para Paris não podemos responder. Espere.

A. Vellozo. — Não serve. Faça mais curto e melhor.



QUAL É A COISA, QUAL É ELLA?

O CONCURSO DA 3.ª SERIE

Veja nas capas os premios
do concurso da 3.ª serie

Decifreadores

DOS
N.ºs 25, e 26

Tira Mitras & C.—N.º 25, 9—*Peropapi*—N.º 25, 11—*Celeste*—N.º 25, 15 N.º 26, 13—(28)
—*Bailio*—N.º 25, 13—N.º 26, 9—(22)—*Luis A. Ceia*—N.º 25, 6—N.º 26, 3—(9)—*Sado*—N.º 25, 11—N.º 26, 8—(19)—*Sombrio*—N.º 25, 13—N.º 26, 10—(23) *Acnarepse*—N.º 25, 11—N.º 26, 10—(21)
—*Giliosa*—N.º 25, 6—N.º 26, 6—(12).

Litras—A sua lista do n.º 24, foi deitada no correio no dia da sahida do jornal, ás 2 da tarde, estando, por isso, fóra do concurso. Pode vir á redacção verificar os carimbos do correio.

Decifrações

Do numero 27

Agrario—*Biscoito*—*Abutua*—*Manca, anca*—*Adaba, aba*—*Abello, abella*—*Medir, pedir*—*Nantes*—*Morton*—*Escarlate*—*Seistil*—*Falla pouco e bem e ter-te-hão por alguem*—*Para quem tem fome não ha pão ruim*—*Acacia*—*Fatuo.*

Do numero 28

Peroleira—*Lisboa*—*Avalia*—*Açacal*—*Themistio*—*Meru, rume*—*Galho, alho*—*Dulcor*—*Burgo, burgó*—*Manha, banha*—*Sobrado*—*Não ha pobre sabio nem rico tollo.*—*Novo rei, nova lei*—*Mais vale inimigo sabedor do que amigo ignorante*—*Côca*—*Fel-tro.*

Charadas

Se o todo faz a segunda
A respeito da primeira
Cae-se em fraqueza profunda
Não é boa brincadeira-2.

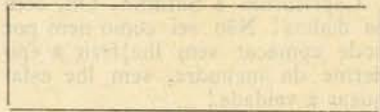
A segunda é predicado
Do todo, e do usurario-2.
Deve achar-se no mercado
Em botica ou hervanario.

R. D.

Novissimas

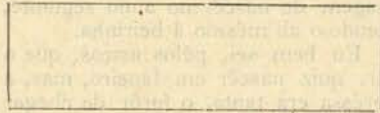
Esta freguezia da cidade é freguezia-2-2.

J. P.



Um marisco e um instrumento é uma ave-2-2.

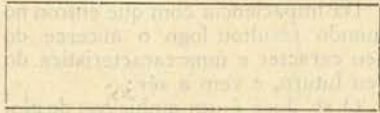
GINGINHA



Augmentativa

Vi um preto no Brazil já muito velho-4.

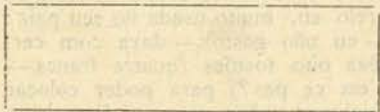
REI DOS DOIDOS



Syncopada

3-Semeei no meio do rio uma planta-2.

APOLLO



Em quadrado

* * * * Flores
* * * * Estimar
* * * * Caixa
* * * * Resar

SILVINA



Enygmas

Typographicos

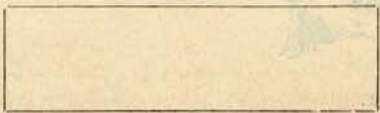
T
—
6

LITRAS



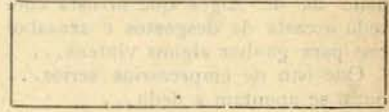
ME nota A

ACNAREPSE



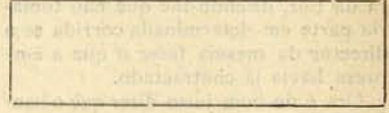
RI
O

BAILIO



TA

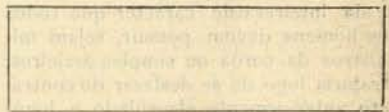
GALHETO



Por iniciaes

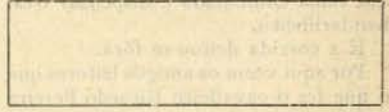
A P E A P D L S V
I 3 I 1 3 I 2 I 2

J. P.



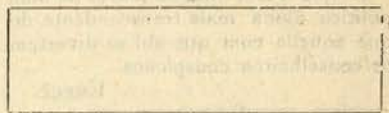
S Q Q T S O C D L P
I 2 I 1 2 I 1 1 1 1

J. P.



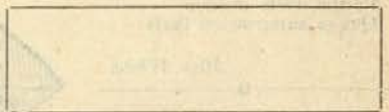
Q C O Q N P T O C V O Q N Q
I 2 1 1 1 2 2 1 2 2 1 1 1 1

J. P.

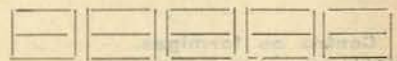


S E C T A
2 1 2 2 4

CHAMPION



De palitos

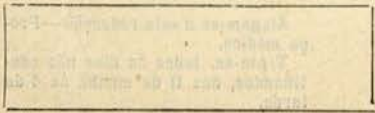


Tirando 10 palitos fica uma freguezia.

J. P.



Artigos a decifrar, 15.



A 3.^a Serie do AZULEJOS

Alem de maior numero de gravuras será augmentada com novas secções, entre as quaes apparecerá uma de grande utilidade para as nossas gentis leitoras:

MODAS E CONFECÇÕES

O AZULEJOS continuará a publicar em todos os seus numeros trechos musicaes, artigos scientificos, contos, versos, criticas theatraes, taumachicas, sportivas, etc.

CONCURSO CHARADISTICO

Satisfazendo ás condições dos anteriores e com cinco premios:

- 1.º — Um relógio d'ouro (Zenith)
- 2.º — Uma palmatoria de prata
- 3.º — Uma compoteira
- 4.º — As tres series do AZULEJOS encadernados em percaline
- 5.º — Uma assignatura gratuita para a 4.ª Serie

Assignatura por serie de 15 numeros 300 réis

A COBRANÇA PELO CORREIO CUSTA MAIS 60 REIS

Todos os pedidos d'assignatura serão satisfeitos na volta do correio, quando se façam acompanhar da respectiva importancia, sem o que não serão attendidos.

JOIA QUERIDA

Canção Popular de Coimbra

Andante

mf *sf* *sf* *sf* *sf*

1ª Vez 2ª Vez

Por se ter partido a chapa não podemos dar hoje o Pas-de-quatre,
EM BOLANDAS, do maestro **ALFREDO MANTUA**

Sairá no proximo numero